

INTRODUÇÃO

O que fazemos quando trabalhamos com os bebês? A questão não é nova, ela apenas retoma o que está no centro do ensinamento de Lacan: “O que fazemos quando fazemos análise?”

Neste esforço para considerar a singularidade do trabalho com a criança pequena, as teorias do bebê, se elas instruem, não constituem bússolas que orientam. Desta forma, impôs-se a mim “uma ideia mais ousada”, diria Lacan, de identificar marcadores de uma forma que fosse mais “estrutural”¹.

Isso leva a identificar no recém-nascido o traço que o anima, aquele pelo qual ele se apresenta de forma a torná-lo absolutamente único, como se fosse sua assinatura. No fundo, trata-se de extrair os encontros do bebê: um grito, um olhar, um movimento, ou o contrário, a ausência de todo barulho, a recusa do olhar, uma con-

1. J. Lacan, *Le Séminaire, Livre X (1962-1963), L'angoisse*, Paris, Le Seuil, 2004, p.262.
N.T. – Resolvemos neste livro adotar o cuidado de não traduzir as referências bibliográficas citadas pela autora no decorrer do livro, apesar de termos em português vários textos que são citados por ela, para manter a referência textual original utilizada pela autora e também para manter a correspondência com a bibliografia publicada no final deste livro.

tratura; eles são detentores de um saber próprio da criança e exigem ser classificados como linguagem². Trata-se sempre de um traço do bebê, a ser visto ou escutado. Do lado do analista, isso demanda supor um sujeito no bebê *in initio*. Esta suposição só pode ser feita pela transferência. Trata-se, portanto, de trabalhar com um sujeito nascido recentemente e não um sujeito a vir a ser, ou um "protosujeito", convocado numa relação transferencial que sempre foi enquadre de todo trabalho analítico.

Na minha clínica que é a de encontros "perdidos" entre as mães e seus bebês, eu me ocupava mais frequentemente ao sofrimento psíquico das mães e à resposta do bebê quando ele é tomado numa espiral de "falhas" nas trocas. Trata-se de recém-nascidos que têm mães gravemente deprimidas ou vulneráveis. Muitas dentre elas foram bebês maltratados ou negligenciados; outras estão atormentadas por uma realidade que as fragmenta ou desloca. O bebê constrói respostas que testemunham a cada vez o que há de mais singular nestes tão jovens sujeitos. Minha posição de analista é reconhecer as respostas do bebê. Interpretar o bebê consiste em não ceder àquilo que o anima.

Se o bebê se manifesta, ou se ele não se manifesta, em todos os casos ele está gritando. Nós podemos desdobrar e ler de outra forma a posição de alguns bebês.

Assim, Aya, de 7 meses, que dorme constantemente e cuja mãe, extremamente deprimida, diz: "Quando ela faz barulho, eu me afasto, porque isso me incomoda." Veja o que é dito e o que marca um lugar para Aya, tanto na economia materna, quanto concretamente no espaço. No campo materno Aya é aquela que não pode fazer barulho e que, portanto, é relegada ao seu berço: um berço portátil colocado sobre o sofá. Este duplo envelope constitui o vazio materno no qual ela parece passar a maior parte do seu tempo. Do ponto de vista das representações fantasmática, ela é reduzida ao status de objeto muito barulhento. Mas o que faz Aya? Como ela se posiciona

2. P. Malengreau, "Paroles de familles", *Quarto*, no. 88-89, *L'enfant dans la civilisation*, décembre 2006, p. 30.

frente à injunção materna que a convoca a se esquecer, a não fazer barulhos e a anestesiar seus movimentos vitais? Ela se faz presente. Silenciosa e impassível, ela compreendeu que deveria dormir para ocupar “perfeitamente” um lugar que sua mãe lhe poderia oferecer, o único que ela era capaz de suportar.

Alguns diriam que Aya é um bebê hiperadaptado, mas isso desconsidera a escolha do sujeito e, portanto, não orienta a direção do trabalho. Em contrapartida, se apostamos na suposição de sujeito no bebê, podemos dizer que Aya sabe que deve escolher o sono como existência e lugar de encontro possível com a sua mãe, o sono como sintoma existencial. E, olhando de perto, é neste momento que Aya parece ser mais viva, quando ela se faz presente e decide dormir sem preocupação. De alguma forma, seu encontro, sua criação de bebê, é o sono. Enquanto pesquisas recentes mostram que o bebê tem um apetite singular para a conversação e que ele é dotado de um talento relacional excepcional, Aya despende toda a sua energia em não fazer nada e em dormir. Desta forma, ela nos mostra que ~~ela~~ sabe sobre sua mãe e nos ensina como devemos superar isso. Reconhecer essa ausência de vida em Aya, como há de paradoxalmente mais vivo nela, pode-se restituir a ela um saber e, ao mesmo tempo, oferecer um lugar de sujeito.

15

Isso supõe duas exigências incontornáveis no campo da análise. Inicialmente, para que esse silêncio e essa hipersonia possam vir a ser uma produção, um ato através do qual o sujeito se manifesta, para que o sono persistente possa se transformar em signo dirigido, é necessário que um outro esteja no lugar de reconhecer a sua recepção. Isso não ocorre sem provocar no campo do analista desequilíbrio. Mas esse é o preço que um deslocamento de saberes pode operar. O bebê perfeito, e perfeitamente nas trocas que animam todos que trabalham com as crianças pequenas, foi substituído por um bebê perfeitamente capaz e desejoso de não “incomodar” a sua mãe.

A segunda exigência diz respeito ao reconhecimento das produções do bebê que vou chamar aqui de criações, e, que em Aya, eram

o silêncio e o sono. Deste ponto de vista, os meios que nós tratamos o que é próprio do bebê, e que Lacan nomeia "lalíngua" seria descrito como um grito, ou aqui ausência de qualquer barulho, a qualidade do silêncio, a profundidade da respiração, a duração do sono, a aparição ou a extinção de movimentos quando ela dorme, tudo descrevemos como sendo o inconsciente. É desta forma que podemos tratar o sintoma sem erradicá-lo, considerando a sua existência e valorizando-o.

Mas isso não é tudo: como toda "experiência psicanalítica", esta, com a criança pequena, deve ser orientada "sem a qual ela será desperdiçada"³.

O que pode orientar o trabalho com o bebê é a inscrição e a instalação do circuito pulsional. Esta é uma operação, ao mesmo tempo fundamental e incontornável, se queremos fazer a aposta do sujeito no recém-nascido. Dito de outra forma, os traços, que marcam e personificam esse jovem sujeito, são convenientes decifrá-los como uma forma "ultrasubjetiva" de fazer circular ou não a pulsão.

É a pulsão, ou mais precisamente, seu circuito que vai construir a realidade psíquica do bebê. Ele aparece como aquilo que deve imperativamente ocorrer porque ela vai dar corpo e relevo à vida psíquica do bebê.

Veremos que a exploração desta aparelhagem conceitual vai permitir responder a uma dupla interrogação, aquela que sempre prescreveu a psicanálise. A pulsão aparece como aquilo que condiciona a emergência da vida psíquica e, também, a estrutura, mas o seu manuseio nos permite também flexioná-la no seu percurso. Ela responde, portanto, à dupla interrogação psicanalítica, por vez metapsicológica – como se constrói a vida psíquica e quais são as condições de emergência? – e técnica – quais são os operadores na direção do tratamento e como o sujeito pode exercer uma tomada de suas determinações?⁴

3. J. Lacan, *Le Séminaire, Livre X (1962-1963)*, L'angoisse, Paris, Le Seuil, 2004, p. 282.

4. P. De Georges, *La Pulsion et ses avatars*, Paris, Michèle, 2010, p. 157.

Foi a este título que ela foi considerada como conceito fundamental, inicialmente por Freud e em seguida por Lacan.

Tomaremos aqui a pulsão em toda a sua magnitude conceitual⁵.

O estudo da gênese deste conceito em Freud e os avanços feitos por Lacan deve destacar seu caráter fundamental e intrinsecamente ligado à construção da vida psíquica no seu início. Em seguida, a exploração minuciosa dos campos pulsionais e seus manuseios permitirão identificar como esse aparelho conceitual é operante na clínica do bebê.

5. Este percurso pela gênese do conceito de pulsão pareceu-me incontornável. É uma necessidade que eu me impus pelo fato que nós associamos frequentemente a teoria das pulsões a Lacan, sem ter a medida da amplitude da descoberta freudiana.